

EL MERCADO DE LAS CLASES PARTICULARES EN PORTUGAL Y LA CONSTRUCCIÓN DE LOS RESULTADOS ESCOLARES*

Jorge Adelino Costa, António Neto-Mendes,
Alexandre Ventura y Sara Azevedo**
Universidade de Aveiro, Portugal

RESUMEN

La presente comunicación tiene por objeto presentar el *Proyecto Xplika* que se inició en 2004 y se completó en 2008. Su objeto de estudio son las clases particulares, buscando conocer las múltiples formas que este complejo fenómeno socio-educativo tiene en las sociedades contemporáneas. Nuestro estudio, situado en la realidad portuguesa, usa una metodología cuantitativa basada en el tratamiento de cuestionarios efectuados a nivel nacional, por un lado, y a nivel local a estudiantes del 12º grado (último año de la educación secundaria portuguesa) de cuatro escuelas secundarias, por el otro. Este mercado de las clases particulares reacciona positivamente a las variables socio-económica y cultural, y los efectos se hacen sentir en la estratificación registrada en el acceso y en la distribución de los estudiantes por las instituciones y las áreas de estudio de la educación superior.

PALABRAS CLAVES: clases particulares, sistema educativo, mercado, resultados escolares.

ABSTRACT

This article was written in the scope of the *Xplika Project*, which started in 2004 and was concluded in 2008. In this text we present some data obtained with the research carried out through this project. The *Xplika Project* studies private tutoring, aiming to get to know the different forms that this complex socio-educational phenomenon can take in contemporary societies. Our study, focused on Portuguese reality, employs a quantitative methodology, through the treatment of questionnaires that were applied at a national level, and also at a local level to 12th grade (the last year of Portuguese secondary education) pupils of four secondary schools. The private tutoring market reacts positively with socio-economic and cultural variables, and the effects make themselves felt in the stratification present in the access and in the distribution of students by higher education institution and by field of studies.

KEY WORDS: private tutoring, educational system, market, school results.



INTRODUÇÃO

As explicações (*aulas particulares e reforço escolar* no Brasil; *private tutoring*, em inglês; *clases particulares*, em castelhano; *cours particuliers* em francês) são um fenómeno social de grandes repercussões, à escala global, como demonstramos na nossa publicação mais recente (Costa, Neto-Mendes e Ventura, 2008) e noutras publicações anteriores (Costa, Neto-Mendes, Ventura e Azevedo, 2007). Apresentado geralmente como «um sistema educativo na sombra» («the shadow education system», Bray, 1999) ou como «uma actividade na sombra» (Costa, Ventura e Neto-Mendes, 2003), não deve, contudo, inferir-se desta definição que os actores mais directamente envolvidos —pais/estudantes e professores/explicadores— não valorizam suficientemente as explicações. Bastaria olhar o extraordinário sucesso que a actividade tem gozado e continua a gozar para desmentir tal pressuposto: entre os pais e os estudantes porque vêem nelas fundamentalmente um recurso que potencia o sucesso nos exames e o ingresso numa formação escolar de prestígio (de nível superior, mas não só); para os professores/explicadores esta pode ser uma oportunidade de melhorar o salário (referimo-nos aos que o fazem a tempo parcial, aqueles que são também professores no sistema regular de ensino) ou de assegurar trabalho, seja a tempo parcial ou a tempo inteiro (em regime de auto-emprego ou trabalhando como assalariado num centro de explicações).

A «invisibilidade» relativa das explicações para que remetem as considerações anteriores tem sobretudo a ver, na nossa opinião, com dois factores: por um lado, a pouca importância atribuída, nos meios académicos, ao tema das explicações, traduzida na quase ausência de investigações e publicações, situação que nos propusemos contrariar aquando da concepção e apresentação do projecto *Xplika*; por outro, a cortina de silêncio que, em alguns países, foi sendo construída e tolerada em torno da actividade das explicações, mormente por parte quer das autoridades educativas quer dos professores e suas associações representativas.

Estruturámos este texto de forma a apresentar uma panorâmica geral da realidade portuguesa relativa à também chamada «indústria das explicações» tendo em conta os seguintes aspectos: I) a apresentação genérica do projecto *Xplika*, tendo em conta o contexto, os objectivos gerais e a metodologia; II) a compreensão global das explicações a partir de dados nacionais inéditos até há relativamente pouco tempo (revelados no nosso livro Costa, Neto-Mendes e Ventura, 2008); III) a compreensão de uma realidade específica, a da cidade *Aquarela*, onde desenvolvemos um trabalho empírico de recolha de informação desde 2001/2002.

* O conteúdo deste texto resulta do cruzamento de informações recolhidas de vários capítulos da obra em que sintetizamos os principais resultados do projecto *Xplika: o mercado das explicações, a eficácia das escolas e o sucesso dos alunos* (Costa, Neto-Mendes e Ventura, 2008), nomeadamente nos capítulos 6, 8 e 10. Sobre o projecto ver informação mais detalhada em <http://www2.dce.ua.pt/xplika/default.asp>.

** Departamento de Ciências da Educação.

PROJECTO *XPLIKA*: CONTEXTUALIZAÇÃO E METODOLOGIA

Este trabalho de investigação tem vindo a ser desenvolvido desde o ano lectivo de 2001/2002 e todos os anos tem sido aplicado um inquérito por questionário (ver Anexo em Costa, Neto-Mendes e Ventura, 2008) aos alunos que frequentam o 12º ano¹ nas quatro escolas secundárias da cidade *Aquarela*. Este é o nome fictício de uma cidade do litoral do território continental português, situada numa região bem servida em termos de acessibilidades e com uma população que se aproxima dos 100 mil habitantes. As quatro escolas constituem a totalidade da oferta de ensino secundário público do concelho. A metodologia usada inicialmente implicava a deslocação dos investigadores divididos em equipas a cada estabelecimento de ensino onde depois aplicavam os inquéritos por questionário em todas as turmas do 12º ano. Por vezes, o trabalho de aplicação e recolha era realizado por professores das escolas que conosco colaboraram (Costa, Ventura, e Neto-Mendes, 2003: 64). Nos últimos quatro anos, de forma a tornar o processo mais expedito e menos intrusivo, estabelecemos contactos com as direcções dos estabelecimentos de ensino que, por sua vez, organizaram a aplicação e a recolha com os professores. Estes realizaram a distribuição dos questionários em aulas de disciplinas em que a maioria dos alunos da turma se encontrava inscrita, já que se pretende recolher informação que se aproxime o mais possível da totalidade dos alunos que frequentam o 12º ano nas escolas da amostra (Costa, Neto-Mendes, Ventura e Azevedo, 2007: 484-485). Os dados obtidos foram submetidos a correlações simples cruzando algumas variáveis, apresentando neste trabalho apenas aquelas que nos parecem mais significativas (frequência de explicações, em termos absolutos; a frequência de explicações correlacionada com a origem socioeconómica das respectivas famílias; a frequência de explicações, a origem socioeconómica e a posição das quatro escolas no *ranking*²). O projecto *Xplika* foi financiado desde 2004/2005 pela FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia), o que criou as condições para se poder realizar, grosso modo, os objectivos propostos.

¹ O Ensino Secundário constitui o último ciclo de estudos pré-universitários e é posterior à escolaridade obrigatória de 9 anos ainda em vigor. É constituído por diversas modalidades de formação (cursos científico-humanísticos, cursos profissionais, cursos artísticos especializados, cursos de educação e formação, cursos tecnológicos, entre outros) que se desenvolvem ao longo de três anos: 10º, 11º e 12º.

² Sempre que nos referirmos a '*ranking* de escolas' estaremos a considerar as listas ordenadas de escolas, construídas em função dos resultados obtidos pelos respectivos alunos nos exames nacionais do 12º ano. A construção destas listas ordenadas é habitualmente da responsabilidade dos meios de comunicação social (imprensa e televisão), ao ministério da educação cabe a divulgação pública dos resultados.



A pedido do Ministério da Educação português, os serviços de acesso ao ensino superior, de âmbito quase sempre distrital, aplicaram um inquérito por questionário aos indivíduos que se candidataram à primeira fase do concurso de acesso no ano lectivo de 2004/2005 e enviaram-no ao gabinete ministerial. De acordo com dados fornecidos pela Direcção-Geral do Ensino Superior, no ano de 2005 candidataram-se em Portugal continental 52 975 indivíduos. Desses candidatos, 39 193 fizeram-no na primeira fase e 13 782 fizeram-no na segunda. Desconhecem-se os motivos que levaram o Ministério da Educação a promover este processo. Provavelmente tal ocorreu, pelo menos em parte, pelo facto de a tutela ter consciência do carácter massivo do fenómeno no nosso país e sensibilidade para as suas implicações. Essa hipótese reforça-se com as medidas de política educativa entretanto tomadas, nomeadamente no sentido de reforçar a oferta de medidas de apoio educativo no seio dos estabelecimentos de ensino da rede pública.

Em 2008, por diligência dos membros da equipa de investigação do Projecto *Xplika*, foi-nos disponibilizado um relatório sucinto elaborado a partir das respostas dadas pelos candidatos ao ensino superior em 2005 nos inquéritos por questionário referidos no parágrafo anterior. Esse relatório, subordinado ao título «Inquérito às Condições do Recurso a Explicações (Resultados Finais)» e com data de 12 de Outubro de 2005, foi elaborado pelo GIASE — *Gabinete de Informação de Avaliação do Sistema Educativo*. O documento possui oito páginas com tabelas e gráficos³ e possui um valor inquestionável, sobretudo tendo em conta a dimensão da amostra e a diversidade geográfica dos respondentes que corresponde à totalidade do território continental português. Aliás, este documento resume o único levantamento até agora realizado sobre o fenómeno das explicações em Portugal que recobre uma amostra de carácter nacional, ainda por cima com um número tão expressivo de respondentes.

Passemos de seguida em revista os principais dados do relatório em apreço⁴. Como já referimos, os dados apresentados no relatório baseiam-se apenas nos inquéritos por questionário respondidos pelos candidatos da 1ª fase (1ª e 2ª partes da candidatura). Recordamos o número de candidatos ao Ensino Superior nas duas fases no ano lectivo 2004-2005: 52 975 (1ª fase: 39 193; 2ª fase: 13 782). Do total de 39 193 candidatos na 1ª fase houve 30 686 que responderam ao inquérito por questionário do Ministério da Educação. Na Tabela 1 podemos encontrar as frequências e as percentagens de candidatos que afirmam ter recorrido a explicações

³ Alguns dos dados que nele constam foram apresentados pela primeira vez publicamente pela equipa de investigação do Projecto *Xplika* num *workshop* subordinado ao tema «As escolas, o trabalho docente e o fenómeno das explicações», que decorreu no dia 3 de Maio de 2008 na Universidade de Aveiro.

⁴ O diferencial relativamente aos totais apresentados em algumas tabelas deve-se ao facto de alguns dos inquéritos não terem sido exaustivamente descodificados pelo sistema de leitura óptica usado pelo relator para desenvolver o seu trabalho.

durante o seu percurso académico, durante o ensino secundário em particular e também daqueles que o fizeram durante o ano de 2004/2005, que corresponde à frequência do 12º ano.

TABELA 1. FREQUÊNCIA DE EXPLICAÇÕES DOS CANDIDATOS AO ENSINO SUPERIOR NO ANO DE 2004/2005

	FREQUÊNCIA DE EXPLICAÇÕES		FREQ. EXPLICAÇÕES ENS. SEC.		FREQ. EXPLICAÇÕES 12º ANO	
	n	%	n	%	n	%
Sim	17 775	58	16 792	55	13 090	43
Não	12 911	42	13 894	45	17 269	57
Total	30 686	100	30 686	100	30 359	100

Fonte: Direcção-Geral do Ensino Superior, in Costa, Neto-Mendes e Ventura (2008).

A Tabela 1 mostra ainda que vai decrescendo a percentagem dos alunos que diz ter frequentado explicações à medida que o universo de referência vai sendo «afunilado»: 58% diz tê-lo feito durante o percurso escolar, 55% durante o ensino secundário e 43% durante o último dos três anos deste ciclo de estudos, o 12º. Seja como for, estes dados revelam que mais de metade dos alunos frequenta explicações durante o ensino secundário.

Na Tabela 2 podemos verificar que há uma percentagem que nos parece um pouco surpreendente de respondentes que frequenta explicações em regime individual (47,1%). Tendo em conta que os custos deste tipo de explicações são superiores aos custos das explicações em grupo, esta situação reforça a ideia de que as famílias não regateiam custos quando se trata de potenciar as possibilidades de sucesso dos seus filhos.

TABELA 2. REGIME DE EXPLICAÇÕES DOS CANDIDATOS NO ANO LECTIVO 2004-2005

REGIME	Nº	%
Individual	6 163	47,1
Grupo	6 549	50,0
Sala de Estudo	378	2,9
Total	13 090	100

Fonte: Direcção-Geral do Ensino Superior, in Costa, Neto-Mendes e Ventura (2008).

Na tabela 3 podemos verificar que uma percentagem muito significativa (55,9%) dos candidatos fez uma aposta de médio ou longo prazo nas explicações, procurando sustentar o seu percurso de aprendizagem na escola formal com o apoio suplementar das explicações. No entanto, é muito importante a percentagem (44%)



de alunos que, entre outras razões, devido a constrangimentos de ordem financeira, opta por apoio circunscrito a um lapso temporal mais reduzido.

TABELA 3. PERÍODO DE FREQUÊNCIA DAS EXPLICAÇÕES NO ANO LECTIVO 2004-2005		
PERÍODO	Nº	%
Durante todo o ano lectivo	7 253	55,9
Em parte do ano lectivo	3 571	27,5
Apenas no período de preparação para os exames	2 158	16,6
Total	12 982	100

Fonte: Direcção-Geral do Ensino Superior, in Costa, Neto-Mendes e Ventura (2008).

Podemos agora constatar na Tabela 4 quais as disciplinas em que os candidatos ao Ensino Superior tiveram mais explicações no ano lectivo 2004-2005. A Matemática destaca-se com quase 72% dos 13 090 respondentes a afirmarem que frequentaram explicações a esta disciplina. Segue-se a Química, com quase 33% dos candidatos, a Física e o Português, com 11,3%. A merecerem referência ainda os casos da Biologia, com 9,6%, e da Geometria Descritiva, com 7,5%.

TABELA 4. DISCIPLINAS DAS EXPLICAÇÕES NO ANO LECTIVO 2004-2005				
DISCIPLINA	SIM	%	NÃO	%
Matemática	9 407	71,9	3 683	28,1
Física	1 474	11,3	11 616	88,7
Biologia	1 252	9,6	11 838	90,4
Português	1 473	11,3	11 617	88,7
Geometria Descritiva	977	7,5	12 113	92,5
Química	4 304	32,9	8 786	67,1
Geologia	34	0,3	13 056	99,7
Filosofia	168	1,3	12 922	98,7
História	166	1,3	12 924	98,7
Língua Estrangeira	556	4,2	12 534	95,8
Economia	65	0,5	13 025	99,5
Outra	409	3,1	12 681	96,9

Fonte: Direcção-Geral do Ensino Superior, in Costa, Neto-Mendes e Ventura (2008).

Recordando que as variações de totais decorrem do facto de algumas respostas aos inquéritos por questionário não terem sido descodificadas pelo sistema de leitura óptica utilizado, podemos agora ver na Tabela 5 que a percentagem mais

significativa de alunos, 57,5%, frequentou no ano lectivo de 2004-2005 duas a quatro horas de explicações por semana.

TABELA 5. CARGA HORÁRIA SEMANAL DE FREQUÊNCIA DAS EXPLICAÇÕES NO ANO LECTIVO 2004-2005

HORAS/SEMANA	Nº	%
Menos de 2	3 922	30,1
De 2 a 4	7 478	57,5
De 5 a 8	1 291	9,9
Mais de 8	320	2,5
Total	13 011	100

Fonte: Direcção-Geral do Ensino Superior, in Costa, Neto-Mendes e Ventura (2008).

Relativamente ao custo de cada hora de explicações, os 12 000 respondentes que deram essa informação⁵ pagaram, em média, 14,8€. Apesar de a média ser esta, o desvio-padrão significativo de 8,9€ indicia que muitos alunos terão pago bastante mais do que isto e outros bastante menos, sendo que a moda (valor mais frequentemente indicado) apontada no relatório é 10,0€.

Finalmente, o último dado que o relatório do Ministério da Educação nos oferece é a divisão dos candidatos na primeira fase do concurso ao Ensino Superior entre a frequência de escolas públicas ou privadas. Na Tabela 6 ficamos a saber que cerca de 90% desses indivíduos frequentavam escolas públicas.

TABELA 6. TIPO DE ESCOLA FREQUENTADO NO ENSINO SECUNDÁRIO PELOS CANDIDATOS COM EXPLICAÇÕES NO ANO LECTIVO 2004-2005

ESCOLA	Nº	%
Pública	11 636	89,9
Privada	1 302	10,1
Total	12 938	100

Fonte: Direcção-Geral do Ensino Superior, in Costa, Neto-Mendes e Ventura (2008).

Comparando estes dados da frequência de explicações no 12º ano com as Estatísticas da Educação disponibilizados pelo GEPE (GIASE, 2006) relativos ao

⁵ O grande número de informações em falta (1 090) a este propósito resultará, muito provavelmente, do facto de os respondentes terem de inscrever um valor no espaço correspondente. Considerando a técnica de leitura óptica utilizada, é provável que o equipamento não tenha descodificado muitas das respostas, mas não temos informação sobre o que efectivamente ocorreu.



ano lectivo de 2004-2005 —Cursos Gerais (11º e 12º anos) Público: 89,8%; Privado: 10,2%— ficamos com a noção de que o percentual de alunos a frequentar este tipo de apoio suplementar tem a mesma ordem de grandeza tanto nas escolas públicas quanto nas privadas. Estes dados vêm levantar um conjunto de questões a propósito do binómio público-privado no que diz respeito à qualidade do ensino, à equidade, ao financiamento e à escolha da escola.

A FREQUÊNCIA DE EXPLICAÇÕES, A ORIGEM SOCIOECONÓMICA E O LUGAR DA ESCOLA NO *RANKING*

Após termos analisado os dados de uma recolha realizada a nível nacional, dedicaremos a nossa atenção neste item à apresentação de elementos da recolha que realizámos na cidade *Aquarela* atrás caracterizada em termos gerais. A nossa preocupação é a de fornecer aqueles elementos que possam ajudar a compreender, como já defendemos atrás, as relações entre a procura de explicações, as habilitações dos pais e a posição relativa no *ranking* das quatro escolas que constituem a amostra do nosso estudo.

As explicações assumem números importantes em algumas escolas e/ou em algumas áreas ou fileiras de formação no interior das escolas, mas esta realidade está longe de ser homogênea, como mostra a tabela 11.

Vamos agora comentar alguns dados que a nossa investigação na cidade *Aquarela* permitiu recolher. As tabelas 7 e 8 permitem observar, no triénio 2004-2007, algumas especificidades em que as escolas se aproximam, outras em que se afastam. Para começar, há um equilíbrio entre as quatro escolas relativamente às percentagens de alunos do 12º ano que durante o triénio em análise disseram frequentar explicações, mas verifica-se uma dupla coincidência: a *Escola Azul* é simultaneamente a escola onde se regista a maior taxa de frequência de explicações (61%), a melhor posicionada no *ranking* e a que apresenta a maior percentagem de pais habilitados com diploma do ensino superior (38%); a *Escola Amarela*, por sua vez, destaca-se por ser uma das que ostenta a taxa de frequência de explicações mais baixa (56%, o que não é muito significativo, como, aliás, referimos antes), a pior posicionada no *ranking* e a que regista a mais baixa taxa de pais com formação ao nível do ensino superior (25%). Esta última escola destaca-se ainda por, relativamente ao último indicador (pais habilitados com ensino superior), ter registado uma evolução que disparou de 20%, em 2004/2005 e 2005/2006, para 36%, em 2006/2007. Coincidência, ou não, a *Escola Amarela* regista uma alteração significativa da sua posição no *ranking* de 2007, melhorando cerca de duzentos lugares nesta mesma lista ordenada⁶. Importa acompanhar esta evolução para confirmar se estamos

⁶ As estratégias, por vezes pouco ortodoxas, desenvolvidas pelas escolas para melhorarem a sua posição nos *rankings* merecem análise atenta (como as práticas que favorecem a anulação da matrícula dos alunos, por forma a que estes se submetam a exame como auto-propostos, não com-

perante um fenómeno isolado ou uma tendência consolidada. Um dos aspectos a considerar é o fenómeno da regulação dos fluxos escolares pois podemos estar perante mudanças ao nível da representação que a comunidade tem de uma escola tradicionalmente associada não a formações académicas mas profissionalizantes, o que poderia explicar a atractividade exercida junto de novos públicos de estratos sociais mais elevados. Esta circunstância pode estar relacionada, como no caso em apreço, com alterações que têm passado pela requalificação das infra-estruturas, pela reorganização pedagógica e por novas ofertas educativas de cunho mais académico, visando o prosseguimento de estudos.

TABELA 7. POSIÇÃO DE CADA ESCOLA FACE ÀS VARIÁVEIS 'FREQUÊNCIA DE EXPLICAÇÕES' E 'PAIS HABILITADOS COM ENSINO SUPERIOR' (2004-2007)

	FREQ. EXPLICAÇÕES		PAIS C/ HAB. E. SUP.	
	N	%	N	%
Escola Azul	220	61	138	38
Escola Rosa	234	57	152	37
Escola Verde	198	58	109	32
Escola Amarela	187	56	81	25
TOTAL	839	58	480	33

Fonte: Costa, Neto-Mendes e Ventura (2008).

TABELA 8. POSIÇÃO DE CADA ESCOLA FACE À VARIÁVEL *RANKING*

	RANKING ⁷ 2001-2006	RANKING 2007
Escola Azul	Entre 1º- 50º	Entre 1º- 50º
Escola Rosa	Entre 51º-100º	Entre 51º-100º
Escola Verde	Entre 150º-200º	Entre 100º-150º
Escola Amarela	Entre 350º-400º	Entre 100º-150º

Fonte: Costa, Neto-Mendes e Ventura (2008).

prometendo a imagem da escola em caso de insucesso). Mas há determinadas medidas de política educativa, como o programa 'Novas Oportunidades' (em que se inclui ofertas como os Cursos de Educação e Formação e os Cursos Profissionais, entre outros), que contribuem igualmente para a melhoria dos resultados nos exames: os alunos 'menos vocacionados' para o prosseguimento de estudos, ao ingressarem nestas formações profissionalizantes, deixam de ser uma ameaça à performance da escola no *ranking* (o aluno de um curso profissional só fará exame final no ensino secundário se quiser ingressar no ensino superior). Ao mesmo tempo permitem também a constituição de turmas mais homogéneas nas áreas/cursos vocacionadas(os) para o prosseguimento de estudos.

⁷ Baseamo-nos em dados relativos ao período 2001-2006 (e não 2004-2007), de acordo com informação disponibilizada pela SIC em: <http://sic.aeiou.pt/online/arquivo/2007/10/vida/2/20071023+-+Ranking+SIC+das+escolas.htm>. A mesma fonte disponibiliza a informação relativa ao *ranking* de 2007.



A análise do fenómeno da procura de explicações tendo em conta a qualidade da habilitação académica dos respectivos pais e encarregados de educação (tabela 9) mostra desde logo um dado que merece destaque: a maioria significativa dos alunos do 12º ano em que pelo menos um dos progenitores é habilitado com diploma do Ensino Superior frequenta explicações em proporções que ultrapassam, em todas as escolas, os 7 em cada 10; esta proporção baixa para cerca de 5 em cada 10 no caso dos alunos em que nenhum dos progenitores é habilitado com Ensino Superior, embora neste caso haja uma maior heterogeneidade de comportamentos, o que pode ficar a dever-se a diversos factores que não aprofundámos no nosso estudo (poder de compra; natureza da oferta educativa; projectos de vida das famílias e dos alunos). Estes números permitem ainda confirmar a ideia de que estamos perante a massificação de um comportamento, a procura de explicações, junto do público que seria o mais insuspeito para o fazer, pelo menos aos olhos de um certo senso comum: as classes média e alta que os diplomados pelo ensino superior representam.

TABELA 9. FREQUÊNCIA DE EXPLICAÇÕES DOS FILHOS DE PAIS HABILITADOS C/ E S/ E. SUP. (2004-2007)

	EXPL. FILHOS DE PAIS COM ENSINO SUPERIOR		EXPL. FILHOS DE PAIS SEM ENSINO SUPERIOR	
	N	%	N	%
Escola Azul	102	74	118	52
Escola Rosa	110	72	124	47
Escola Verde	79	72	119	51
Escola Amarela	59	73	127	53
TOTAL	350	73	488	51

Fonte: Costa, Neto-Mendes e Ventura (2008).

A tabela 9 mostra também que a probabilidade de um aluno filho de pais diplomados com o ensino superior poder vir a frequentar o serviço de explicações e a usufruir das suas vantagens competitivas nas provas de ingresso (vulgarmente conhecidas por ‘exames’) é superior à de um aluno cujos pais não têm esta habilitação. Esta circunstância reforça o carácter competitivo que as famílias da classe média e alta atribuem ao percurso escolar dos seus filhos e educandos —percurso esse visto cada vez mais como um investimento aqui materializado nas explicações— desta feita já não para conquistar uma mobilidade social ascendente mas antes para assegurar a manutenção de uma posição social de prestígio.

O cruzamento das tabelas 7 e 10 mostra que 33 por cento das famílias (as que possuem um diploma do ensino superior, tabela 7) são responsáveis por 42 por cento dos alunos que frequentam explicações (tabela 10). As taxas mais altas, quer dos pais com ensino superior quer da frequência das explicações, no triénio 2004-2007, coincidem ambas nas duas escolas melhor posicionadas nos *rankings* no período alargado 2001-2007 (tabela 8).

TABELA 10. ALUNOS QUE FREQUENTAM EXPLICAÇÕES E SÃO FILHOS DE PAIS DIPLOMADOS PELO E. SUPERIOR

	2004/2005		2005/2006		2006/2007		2004-2007	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Escola Azul	30	45	44	44	28	51	102	46
Escola Rosa	42	46	43	46	25	52	110	47
Escola Verde	24	33	23	39	32	48	79	40
Escola Amarela	17	26	14	20	28	39	59	29
TOTAL	113	38	124	41	113	47	350	42

Fonte: Costa, Neto-Mendes e Ventura (2008).

A heterogeneidade relativamente à procura de explicações reina no interior da mesma escola, por áreas, e traduz uma realidade de crise da procura por que passa nomeadamente a área das Humanidades. A agregação dos resultados dos três anos mostra de forma muito clara o fosso que separa a área das Humanidades, no que diz respeito à procura de explicações, com 22%, das outras três, com valores que oscilam entre os 59% e os 68%.

TABELA 11. DISTRIBUIÇÃO DAS EXPLICAÇÕES POR ANOS E POR ÁREAS DE FORMAÇÃO

	CIENTÍFICO-NATURAL			ARTES			ECONÓMICO-SOCIAL			HUMANIDADES		
	N	SIM	%	N	SIM	%	N	SIM	%	N	SIM	%
2004/2005	289	201	70	29	8	28	83	53	64	108	25	23
2005/2006	312	220	71	53	44	83	51	31	61	127	29	23
2006/2007 ⁸	262	162	62	39	19	49	59	41	70	81	15	19
TOTAL	863	583	68	121	71	59	193	125	65	316	69	22

Fonte: Costa, Neto-Mendes e Ventura (2008).

Em todas as escolas estudadas esta mesma área não chega a registar um quarto dos alunos na frequência de explicações. As razões para este fenómeno po-

⁸ A revisão curricular do Ensino Secundário (Decreto-Lei núm. 74/2004, de 26 de Março) introduziu alterações profundas na oferta formativa, cujas repercussões se fizeram sentir, pela primeira vez, no 12º ano no ano de 2006/2007. Para facilitar a comparabilidade dos dados recolhidos através dos inquéritos, procurámos organizar a nova oferta de cursos de acordo com as quatro áreas anteriormente consideradas: Científico-Naturais, Artes, Económico-Social e Humanidades. A tabela 11 resume esta informação.



dem ser várias, mas elas parecem residir, a nosso ver, por um lado, na baixa atractividade dos cursos de ensino superior de Humanidades (sobretudo os associados à formação de professores) e, por outro, na alteração de um fenómeno que antes se observava mais do que agora (esta é uma hipótese explicativa): a atractividade dos cursos de Ciências e Tecnologias alteraram comportamentos, fazendo com que alguns bons alunos, em geral, mas com dificuldades a matemática, que antes enveredavam por uma formação em Humanidades (a célebre ‘fuga’ à matemática), procurem agora também pela via das explicações a ‘salvação’ que lhes vai permitir a classificação para o sucesso e para o ingresso. A alternativa para o sucesso não parece ser tanto a escolha ‘coagida’ pelas Humanidades, como ‘fuga’ à matemática e ao insucesso que ela representa, mas antes o investimento no apoio ao estudo que as explicações representam na óptica do ‘cliente’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas considerações finais procurarão articular algumas linhas interpretativas sobre as relações entre a frequência de explicações e a complexa construção dos resultados escolares em Portugal.

Os dados nacionais recolhidos em 2005 permitem reconhecer que o recurso a explicações por parte dos alunos do ensino secundário está longe de ser uma prática minoritária, como muitos ainda admitem: mais de metade dos alunos (55%) frequenta explicações durante a sua passagem pelo ensino secundário (10º, 11º e 12º anos, de acordo com a *Lei de Bases do Sistema Educativo*), com uma descida de doze pontos (43%) quando se toma por referência apenas o 12º ano; no caso das quatro escolas estudadas na cidade *Aquarela* a taxa de frequência de explicações no 12º ano é um pouco mais alta (58%) no triénio em análise (2004-2007).

As circunstâncias em que os alunos dizem frequentar explicações podem dizer muito sobre os novos contornos que o fenómeno tem vindo a assumir: de um fenómeno essencialmente conotado com o insucesso escolar (a ideia de que quem procura explicações é um aluno *em dificuldades*, que procura neste apoio educativo suplementar a ‘muleta’ para contornar a ameaça da reprovação) tem vindo a ser ‘colonizado’ de forma crescente por uma nova classe de alunos, a dos muito bons ou mesmo excelentes alunos que concorrem por um lugar, que sabem ser um bem raro, numa das fileiras de formação mais competitivas como é a da saúde ou das artes. O facto de cerca de metade dos alunos afirmar que frequenta explicações em regime individual, de um número ainda maior reconhecer que o faz durante todo o ano lectivo e não apenas na época de exames, por exemplo, mostra o padrão elevado de exigência que as expectativas de algumas famílias atingiram e do tipo de investimento que estão dispostas a fazer para a sua concretização. Se tivermos em conta que os dados nacionais apontam para o preço médio de uma hora de explicações a rondar os 15€ e que cerca de 58% dos alunos que frequentavam explicações em 2004/2005 diz ocupar entre duas a quatro horas por semana, podemos contabilizar um gasto médio de 45€ semanais, o que perfaz um encargo mensal de cerca de 180€. Estamos perante um encargo financeiro que representa cerca de um terço do

salário mínimo nacional⁹, o que nos permite aquilatar do carácter selectivo que o factor preço tem no acesso ao serviço privado das explicações. Os quatro casos analisados na cidade *Aquarela* parecem confirmar o que acabamos de dizer: comparativamente são mais os filhos de pais habilitados com o ensino superior a procurar explicações (73%) do que os filhos de pais sem diploma do ensino superior (51%). Não é possível imputar este facto a um único factor, o poder de compra, a explicação deve permitir correlacionar factores materiais e imateriais, como é o caso da complexa construção de expectativas sobre o prosseguimento de estudos e sobre as vias a privilegiar. A análise da distribuição da frequência de explicações por áreas de formação mostra claramente como a procura é incrementada nas áreas científico-natural, artes e económico-social e reduzida (cerca de um terço daquelas) nas humanidades. O quadro torna-se ainda mais claro quando se reconhece a tendência para se associar estas áreas a públicos-tipo, o que denota a presença de traços estratificadores: as famílias de nível social e académico mais elevado concentram-se mais nas formações de carácter universitário, como direito, medicina, artes e ciências, as de nível mais baixo nas áreas de ciências da educação e ciências económicas, enfermagem e tecnologias da saúde, muitas delas de carácter politécnico (Tavares, Lopes, Justino e Amaral, 2008).

O estudo de âmbito nacional revela também dados clarificadores para contrariar a polémica alimentada por certos sectores a quem interessa diminuir a imagem da escola pública, apontando nomeadamente a sua pretensa 'falta de qualidade' como principal factor que estaria na origem da corrida às explicações que hoje se verifica em determinados sectores e áreas de formação. Os números evidenciados mostram que são equivalentes as taxas dos alunos que procuram explicações, quer eles venham da escola pública quer da escola privada. Em estudos futuros procuraremos aprofundar o conhecimento desta realidade.

Uma palavra, finalmente, para referir um dos emblemas mais mediatizados da divulgação dos resultados escolares, os *rankings* de escolas, e a sua relação com a procura de explicações e o nível social e académico das famílias. As quatro escolas estudadas parecem permitir a identificação de uma relação positiva entre as variáveis referidas: as escolas melhor posicionadas nos *rankings* são aquelas onde se regista a presença de mais famílias diplomadas com ensino superior e também aquelas onde a procura de explicações é mais elevada. Esta linha de investigação deve ser prosseguida a fim de alargar a base de casos e assim testar esta tendência. Mas uma certeza parece ser inquestionável: o progressivo conhecimento do complexo processo de construção dos resultados escolares não pode ser plenamente atingido na ignorância do fenómeno das explicações.

⁹ O salário mínimo para 2008 foi estabelecido em 426 euros (Decreto-Lei nº 397/2007, de 31 de Dezembro).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAY, M. (1999). *The Shadow Education System: Private Tutoring and its Implications for Planners*. Paris: UNESCO, International Institute for Educational Planning.
- COSTA, J.A., NETO-MENDES, A. e VENTURA, A. (2008). *Xplika: Investigação sobre o Mercado das Explicações*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- COSTA, J.A., NETO-MENDES, A., VENTURA, A. e AZEVEDO, S. (2007). O fenómeno das explicações: aspectos da realidade portuguesa e do contexto global. *Ensaio*, vol. 15, núm. 57, pp. 475-488.
- COSTA, J.A., VENTURA, A. e NETO-MENDES, A. (2003). As explicações no 12º ano —contributos para ver o conhecimento de uma actividade na sombra. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, vol. 2, pp. 55-68.
- GIASE (2006). *Estatísticas da Educação 04-05*. Lisboa: Ministério da Educação/Gabinete de Informação e Avaliação dos Sistema Educativo.
- TAVARES, D., LOPES, O., JUSTINO, E. e AMARAL, A. (2008). Students' Preferences and Needs in Portuguese Higher Education. *European Journal of Education*, vol. 43, núm. 1, pp. 107-122.

